

Tempo depois do Tempo por Alfredo Cunha

Até 25 de Abril de 2017 na Galeria Municipal do Torreão Nascente da Cordoaria Nacional (Avenida da Índia, Belém, Lisboa e aberta de Terça a Sexta entre as 10h00-18h00, e ao Sábado e Domingo das 14h às 18h, está patente a exposição Tempo depois do Tempo com fotografias de Alfredo Cunha. Em números, são mais de 500 fotografias. Entre elas, muitas imagens que ficaram na história do nosso país, antes do 25 de abril de 1974, e que nos ajudam a compreender melhor a essência do que é Portugal. Alfredo Cunha fotografou Salgueiro Maia durante a manhã que nos devolveu a liberdade e foi autor de outras imagens icónicas, como a dos contentores chegados das colónias ao Padrão dos Descobrimentos, ou a das “estátuas às fatias” (ver foto “São Tomé e Príncipe 1975”). Apercebendo-se de que estava a viver um momento histórico importante, sentiu a necessidade de registar a descolonização portuguesa, naquela que considera ter sido a sua primeira grande reportagem.

Alfredo Cunha soube ainda captar desde factos históricos a rostos anónimos, pelo mundo inteiro, com um olhar atento e aberto ao outro e às suas circunstâncias. Da queda de Ceau?escu, na Roménia (em 1989) ao Iraque (onde esteve pela primeira 2003 e voltou amiúde nos últimos 10 anos), Alfredo Cunha esteve lá – assim como a fazer reportagem de guerra nos pontos quentes do globo. Contribuiu para vários meios

de comunicação social e decidiu terminar formalmente a carreira de jornalista, em 2012, abandonando os cargos de editor e de diretor de fotografia, passando a ser fotojornalista freelancer. Neste âmbito, participou no grande projecto comemorativo dos 30 anos da AMI “Três Décadas de Esperança”, que o levou a percorrer, com Luís Pedro Nunes, países como a Níger, a Roménia, o Bangladesh, a Índia, o Haiti, o Sri Lanka, a Guiné Bissau e o Nepal, e de que resultou o seu último livro: “Toda a esperança do mundo”. Tendo publicado estas reportagens no Expresso e no Público, o autor considera ter praticado uma nova forma de jornalismo: o humanitário.

Neto e filho de fotógrafos, Alfredo Cunha encontrou no pai António, que começou a levá-lo a fotografar casamentos com cerca de 10 anos, a sua maior inspiração, para além do trabalho de Philip John Griffiths, Eugene Smith, Cartier-Bresson, Willy R., Fernando Scianna, James Natchwey, Eugene Richards, Cristina Garcia Rodero e Josef Koudelka. Revelou-se um artesão da imagem, com uma queda especial pelo uso da máquina fotográfica de 35mm, e gosto em trabalhar os seus próprios negativos e imprimir as suas próprias fotografias. Reconhecido como um dos maiores fotojornalistas da atualidade, foi distinguido com muitos prémios, nacionais e internacionais, entre os quais a Comenda do Infante D. Henrique (em 1995). Parte da sua coleção encontra-se no Centro Português de Fotografia do Porto e no Arquivo Fotográfico Municipal de Lisboa, de que é o maior doador (tendo contribuído com mais de 500 fotografias em papel e mais de 5.000 digitalizadas). A grande retrospectiva (organizada por décadas e em núcleos: nacional, internacional, retratos e AMI) que as Galerias Municipais de Lisboa agora lhe dedicam é amplamente representativa dos últimos 47 anos que dedicou à arte fotográfica.

Biografia

Alfredo Cunha nasceu em 1953, em Celorico da Beira. Em 1970 iniciou a sua carreira profissional em fotografia publicitária e comercial e no ano seguinte, em 1971, a sua carreira de fotojornalista no "Notícias da Amadora". Colaborou com o jornal "O Século" e com "O Século Ilustrado" (1972), com a Agência de Notícias Português - ANOP (1977), as agências de Notícias de Portugal (1982) e a Lusa (1987).

Trabalhou no Jornal "Público" como fotógrafo e editor-chefe entre 1989 e 1997, e integrou o grupo Edipresse como fotógrafo-chefe. Em 2000 começou a trabalhar na revista semanal "Focus". Em 2002 colaborou com Ana Sousa Dias no programa de TV "Por Outro Lado", na RTP2. Entre 2003 e 2009, foi fotógrafo e editor-chefe do "Jornal de Notícias". De 2010 a 2012 foi director fotográfico da "Global Imagens". Actualmente trabalha como freelancer desenvolvendo diversos projectos editoriais.

Do seu percurso destacam-se as emblemáticas séries de fotografias dedicadas ao 25 de Abril de 1974, a descolonização portuguesa em Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, S. Tomé, Timor-Leste e Cabo Verde, o trabalho fotográfico sobre o PREC (Processo Revolucionário em curso, 1974-1975), a queda de Nicolae Ceausescu na Roménia (1989) e o acompanhamento das tropas portuguesas na guerra do Iraque (2003).

Publicou diversos livros de fotografia entre os quais "Raízes da Nossa Força" (1972), "Vidas Alheias" (1975), "Disparos" (1976), "Naquele Tempo" (1995), "O Melhor Café" (1996), "Porto de Mar" (1998), "77 Fotografias e um Retrato" (1999), "Cidade das Pontes" (2001), "Cuidado com as crianças" (2003), "Cortina dos Dias" (2012), "O grande incendio do Chiado" (2013), "Os rapazes dos tanques" (2014) e "Toda a Esperança do mundo" (2015), " Felicidade" 2016.

E ainda nas Galerias, por estes dias:

* "Prospecto. Princípio, Meio e Ultimação" de André Guedes, com curadoria de Juan de Nieves: até 9 de abril no Pavilhão Branco (Campo Grande).

* "Meridiano Pacífico" de Eugénia Mussa, com curadoria de Giulia Lamoni: até 26 de março na Galeria Quadrum (Alvalade).

* "O Que Diz a Pintura | Obra 1971-2017" de Pedro Chorão, com curadoria de José Luís Porfírio: até 19 de fevereiro na galeria do Torreão Nascente da Cordoaria Nacional (Belém).

* "RED AFRICA Things Fall Apart", a exposição comissariada por Mark Nash, que reúne contributos de quinze artistas contemporâneos e instituições internacionais: até 12 de março na Galeria Avenida da Índia.

Siga-nos de perto em:

<https://www.facebook.com/galeriasmunicipaislisboa>

[_https://www.instagram.com/galeriasmunicipais](https://www.instagram.com/galeriasmunicipais)

